



UC/FPCE_2015

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Experiências precoces e *coping* com a vergonha no desenvolvimento de traços psicopáticos em adolescentes: diferenças de género

Inês Alexandra Rodrigues Bastos (e-mail: inesbastos91@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica Sub-área de especialização em Psicologia Forense sob a orientação de Doutor Daniel Maria Bugalho Rijo

Experiências precoces e *coping* com a vergonha no desenvolvimento de traços psicopáticos em adolescentes: diferenças de gênero

Resumo

Estudos realizados anteriormente com foco na vergonha, mostram que esta emoção pode ter origem em experiências precoces de vergonha, e está associada a diferentes tipos de psicopatologia. No entanto, são escassos os que exploram a associação entre as experiências precoces, vergonha e psicopatia. Recentemente tem sido sugerido a importância das estratégias utilizadas pelos indivíduos para lidar com a vergonha na compreensão dos processos psicopatológicos. Este estudo tem como objetivo explorar o papel mediador da vergonha e dos estilos de *coping* com esta emoção, na relação entre as experiências precoces e os traços psicopáticos em amostras de ambos os gêneros. Para a realização deste estudo foi recolhida uma amostra de 577 participantes de uma população comunitária, com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos. Os principais resultados revelaram que a centralidade das experiências precoces de vergonha e a falta de experiências de calor e de afeto na infância predizem os níveis atuais de vergonha. A vergonha prediz os traços psicopáticos, direta e indiretamente (através do *coping* com a vergonha). As estratégias de Ataque ao Outro e de Evitamento predizem positivamente os traços psicopáticos, quer na amostra de rapazes quer na amostra de raparigas, enquanto que as estratégias de Ataque ao *Self* e de Fuga têm um efeito preditivo negativo. No global, estes resultados sugerem que o desenvolvimento de traços psicopáticos em adolescentes pode resultar da adoção de estratégias externalizantes e internalizantes de *coping* com a vergonha, embora os indivíduos pareçam recorrer principalmente às externalizantes, especialmente ao Ataque ao Outro e ao Evitamento, na tentativa de diminuir os seus sentimentos atuais de vergonha.

Palavras chave: Experiências precoces, vergonha, *coping* com a vergonha, traços psicopáticos, raparigas adolescentes, rapazes adolescentes

Early experiences and coping with shame in the development of psychopathic traits in adolescents: gender differences

Abstract

Current research about shame shows that this emotion can result from early experiences of shame, and may be associated with different types of psychopathology. However, research relating early experiences, shame and psychopathy is scarce. Recently it has been suggested that shame coping strategies may play an important role when understanding psychopathology processes. This study aims to explore the mediating role of shame and shame coping styles, in the relationship between early experiences and psychopathic traits in samples of both genders. For this study, a community sample of 577 participants was collected, aged between 15 and 19 years. The main results showed that the centrality of early experiences of shame and the lack of experiences of warmth and safeness in childhood predict current levels of shame. Shame predicted psychopathic traits both directly and indirectly (through shame coping strategies). Attack Other and Avoidance strategies positively predicted psychopathic traits in both samples of boys and girls, while Attack Self and Withdrawal strategies had a negative predictive effect. Overall, these results suggest that psychopathic traits in adolescents can result from the adoption of externalizing and internalizing shame coping strategies, although individuals mainly seem to adopt externalized ones, especially Attack Other and Avoidance, when trying to reduce actual feelings of shame.

Key Words: Early experiences, shame, shame coping strategies, psychopathic traits, adolescent girls, adolescent boys

Agradecimentos

Aos meus Pais! Pelo amor, pelo carinho e pelo apoio incondicional que sempre me deram ao longo dos anos...por terem permitido e ajudado a tornar-me no que sou hoje! E por tudo o que nestas páginas seria impossível de descrever!

À minha avó Maria! Pela dedicação de todos os dias, de todos os anos! Por toda a preocupação e incentivo ao longo deste percurso!

Ao Mike! Pelo amor, pelo carinho, mas muito pela paciência! Por ser o meu melhor amigo, pelo apoio...e por toda a coragem que me deu, lembrando-me sempre que eu era capaz! Obrigada por estar ao meu lado e acompanhar-me em todos os momentos desta caminhada!

Ao Professor Daniel Rijo! Pelo profissional que é, pelos ensinamentos ao longo deste percurso... pela sua orientação e constante motivação! Por não deixar esquecer que seria capaz e por ter sempre uma palavra tranquilizadora e de incentivo nos momentos mais complicados!

À Marlene! Pela disponibilidade e paciência... pela constante simpatia, carinho, apoio e tranquilização nos momentos mais difíceis! E por toda a partilha de conhecimentos! E ao Nélio! Pela sua presença ao longo deste percurso e pelo incentivo!

À Doutora Paula Vagos! Por toda ajuda em momentos cruciais, pela disponibilidade constante e pela tranquilização e motivação!

Às escolas, aos Diretores e Docentes, que me receberam e se mostraram sempre disponíveis, possibilitando a recolha de dados para este estudo. A todos os alunos e adolescentes que participaram nesta investigação e que preencheram o questionário, pois sem eles teria sido mais difícil.

Às minhas amigas! Rute, Inês Ferreira, Inês Gaspar, Catarina e Fabi, por todos os momentos que passámos! Pelos risos, sorrisos e até, pelas angústias partilhadas! Por acreditarem que isto era possível! Por serem as minhas "babes"! Um obrigada especial à Rute, pela cumplicidade! Porque estive sempre lá...desde os primeiros passos nesta longa caminhada de cinco anos!

Às colegas de tese: Ana, Rute, Rafaela e Cláudia! Pela partilha, pelos momentos de entreatajuda e por todo o apoio e tranquilização neste caminho que percorremos juntas.

A todos os meus amigos e restante família! Por todos os momentos de descontração...por gostarem de mim e permitirem que eu goste deles!

Índice

	página
Introdução	1
Enquadramento Conceptual	2
Metodologia	8
<i>Participantes</i>	8
<i>Instrumentos</i>	9
<i>Procedimentos</i>	11
Resultados	13
<i>Estatísticas Descritivas</i>	13
<i>Análise de Correlações</i>	14
<i>Análise de Trajetórias</i>	15
<i>Estudo com a amostra completa</i>	15
<i>Estudo com o grupo do género feminino</i>	19
<i>Estudo com o grupo do género masculino</i>	22
Discussão	26
Limitações e Estudos Futuros	29
Bibliografia	31

Introdução

A dissertação apresentada de seguida surge no âmbito de um trabalho de investigação do Mestrado Integrado em Psicologia com especialização na área de Psicologia Forense. Este trabalho foca-se no papel mediador da vergonha e das estratégias de *coping* com a vergonha na associação entre as experiências precoces e os traços psicopáticos, mas também na exploração e compreensão destas associações em ambos os géneros (masculino e feminino).

A escolha do tema prendeu-se com o facto de a literatura ter vindo a demonstrar que as experiências precoces negativas influenciam a experiência de níveis de vergonha elevados, bem como certos quadros psicopatológicos. No entanto, poucos são os estudos que enfatizam a relação dos sentimentos de vergonha e a psicopatia. Também os estilos de *coping* com a vergonha têm sido apontados como fundamentais, pois a adoção de determinadas estratégias maladaptativas de *coping* poderá estar na origem do desenvolvimento de diferentes sintomas psicopatológicos associados aos sentimentos de vergonha.

Assim, o desenvolvimento do estudo visa explorar o impacto das experiências precoces nos níveis de vergonha sentidos atualmente e nos traços psicopáticos, mas também explorar o papel da vergonha nos traços psicopáticos. Mais especificamente, se as características psicopáticas em adolescentes poderão estar associadas, não apenas à vergonha em si, mas também à adoção de determinados estilos maladaptativos de *coping* com esta emoção. A investigação será conduzida no sentido de, numa fase inicial estas associações serem testadas numa amostra completa de adolescentes, e posteriormente, nas amostras de raparigas e rapazes, de forma a explorar eventuais diferenças nos resultados em função de géneros. Para a realização deste trabalho foi recolhida uma amostra de 577 adolescentes de uma amostra comunitária, com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos. Os resultados deste estudo poderão ter implicações a nível teórico, nomeadamente em termos de uma compreensão mais aprofundada do desenvolvimento dos traços psicopáticos, bem como das estratégias desadaptativas utilizadas por adolescentes para lidar com a vergonha, mas

também a nível prático, uma vez que poderão ser importantes para ajudar no desenvolvimento ou aperfeiçoamento de programas psicoterapêuticos de prevenção e de intervenção com crianças e adolescentes que apresentem traços psicopáticos.

Esta dissertação divide-se em duas partes, sendo a primeira um enquadramento conceptual, que engloba as variáveis a serem trabalhadas. A segunda parte, é uma parte empírica que compreende a metodologia, resultados, discussão e conclusão.

I – Enquadramento conceptual

A investigação em torno do constructo da psicopatia tem sido eminente e controversa ao longo dos últimos anos. Após diversos autores se terem interessado por esta temática, definindo e caracterizando este tipo de personalidade de diversas formas, foi Cleckley (1941/1988) que através da designação da “máscara da sanidade” e das 16 características centrais definiu a psicopatia como uma perturbação severa da personalidade mascarada por uma aparência de saúde mental robusta. Atualmente, embora ainda sejam notórias divergências em relação à sua conceptualização, alguns autores apontam uma definição trifatorial da psicopatia, denominando-a como uma perturbação da personalidade caracterizada por traços interpessoais (grandiosidade e manipulação), afetivos (marcados pela ausência de remorso e empatia, e baixa capacidade de aceitar responsabilidades e culpa) e comportamentais (designadamente elevada impulsividade, irresponsabilidade e baixa capacidade de estabelecer objetivos a longo prazo) (Cooke & Michie, 2001; Hare, 2003).

Os estudos realizados no âmbito da psicopatia prendem-se, maioritariamente, com a população adulta (e.g. Frick, Bodin, & Barry, 2000; Gao, Raine, Chan, Venables, & Mendnick, 2010; Lang, Klinteberg & Alm, 2002). No entanto, nos últimos anos, a literatura tem vindo a enfatizar as investigações desta problemática em populações de crianças e adolescentes (Kotler & McMahon, 2005; Salekin, 2006; Salekin, Rogers, & Machin,

2001). O interesse e investimento em estudos com crianças e jovens deve-se essencialmente ao impacto social e económico que os indivíduos que apresentam traços psicopáticos têm nas sociedades (Lynam, 1998). Posto isto, vários autores defendem o benefício da prevenção desta problemática, de modo a avaliar cuidadosamente e a intervir precocemente na vida dos indivíduos (Farrington, 2005; Salekin et al., 2001). Salekin et al. (2001) refere ainda que uma avaliação precoce dos traços psicopáticos na adolescência, pode prevenir a sua evolução e promover uma intervenção terapêutica, podendo, assim, resultar na diminuição acentuada da criminalidade. Outro motivo evidenciado na literatura, pelo qual se revela importante a avaliação e intervenção precoces na psicopatia, é pelo facto de estudos precedentes terem demonstrado que a psicopatia, os comportamentos antissociais mais severos e a ausência de resposta ao tratamento na idade adulta, têm uma forte ligação com traços evidenciados pelos indivíduos em fases mais precoces da vida (Johnstone & Cooke, 2007; Gretton, Hare, & Catchpole, 2004).

Esta é uma temática que continua a necessitar de investigação no campo da avaliação, devido à existência de opiniões diversas e controversas relativamente ao diagnóstico deste tipo de conduta na infância e na adolescência (Salekin & Frick, 2005), mas também ao nível da intervenção, pois não existem programas específicos e os estudos desenvolvidos neste contexto continuam a ser escassos, comparativamente com os estudos existentes sobre a etiologia, descrição e avaliação desta perturbação (Ribeiro da Silva, Rijo, & Salekin, 2012, 2013). Apesar das controvérsias e divergências, os trabalhos desenvolvidos neste campo têm-se revelado importantes e eficazes, resultando assim na descrição dos traços que definem os indivíduos com características psicopáticas, que são agora contemplados no diagnóstico de Perturbação do Comportamento no *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM-V, American Psychiatric Association, 2013) como um especificador – com emoções prossociais limitadas (i.e.: presença de emoções sociais em número limitado, baixos sentimentos de remorso e de culpa, insensibilidade emocional e baixa empatia, despreocupação em relação aos desempenhos pessoais e expressão superficial de afetos) (APA, 2013).

Embora seja evidente que não exista uma única causa para o

desenvolvimento dos traços psicopáticos, vários autores apresentaram diversas teorias, no sentido de definir as bases etiológicas da psicopatia, nomeadamente: a nível genético (e.g., Bezdjian, Raine, Baker, & Lynam, 2011; Blair, Peschardt, Budhan, Mitchell, & Pine, 2006; Glenn, Kurzban, & Raine, 2011); das neurociências (e.g., Blair, 2006); dos traços de frieza e insensibilidade emocional (e.g., Bayliss, Milker, & Handerson, 2010; Dadds, Fraser, Frost, & Hawes, 2005; Fontaine, McCrory, Boivin, Moffit, & Viding, 2011); da personalidade (e.g., APA, 2000; Shiner, 2009) e de influências ambientais (e.g., Fite, Greening, & Stoppelbein, 2008; Gao et al., 2010; Kemp, Overbeek, de Weild, Engels, & Schotte, 2007). No entanto, algumas pesquisas têm-se focado em experiências precoces como fatores de risco para o desenvolvimento dos traços psicopáticos, nomeadamente: negligência parental, pobre supervisão/disciplina e baixo envolvimento parental (Marshall & Cooke, 1999, McCord & McCord, 1964), falta de cuidados maternos ou superproteção parental (Gao et al., 2010), *stress* dos pais (Fite et al., 2008), abuso parental (Bennett, Sullivan, & Lewis, 2005; Gold, Sullivan, & Lewis, 2011; Lahlah, Lens, Bogaerts, Knaal, 2013) e presença de pais antissociais (Farrington, Ulrich, & Salekin, 2010; McCord & McCord, 1964). As relações interpessoais e afetivas estabelecidas em idades precoces são importantes não só para os estilos relacionais, mas também para a estruturação da personalidade dos indivíduos, tornando-se assim cruciais no desenvolvimento de traços psicopáticos (Gross & Hansen, 2000; Stuewing & McCloskey, 2005; Tangney & Dearing, 2002).

A literatura tem-se referido a algumas destas experiências como estando associadas a experiências de vergonha e como podendo ser recordadas como memórias traumáticas, estando relacionadas com o desenvolvimento de psicopatologia (Matos & Pinto-Gouveia, 2010; Pinto-Gouveia & Matos, 2011). Estas experiências precoces podem, também, ser preditores dos níveis de vergonha atualmente sentidos pelos indivíduos (Bennett et al., 2005; Kim, Talbot, & Cicchetti, 2009; Stuewing & McCloskey, 2005). Por outro lado, memórias de experiências de cuidados, de segurança e de calor e afeto, são consideradas como vantajosas para o indivíduo, na medida que tornam a visão do *self* e do outro mais positiva, colmatando em níveis de vergonha experienciados mais baixos (Gross & Hansen, 2000; Tangney & Dearing, 2002).

A vergonha definida como uma das emoções mais dolorosas e autoconsciente (Lewis, 1992; Tangney & Dearing, 2002), é segundo Gilbert (2002), uma emoção importante no funcionamento humano e, particularmente, na psicopatologia. Pode ser conceptualizada numa dimensão externa, a qual corresponde à forma como nos percebemos na mente dos outros como inferiores, inadequados e pouco atraentes; e interna, associada ao julgamento e atribuições negativas que fazemos de nós próprios, relativamente às nossas próprias características, sentimentos e fantasias, influenciando o modo como nos sentimos (Gilbert, 2010; Lewis, 1992). As experiências de vergonha envolvem frequentemente ambas as dimensões que se encontram intimamente relacionadas, ou seja, aquilo que a pessoa pensa acerca de si vai influenciar o modo como pensa que os outros a veem (Gilbert, 2010).

A vergonha, como foi visto, é encarada como uma emoção negativa e autoconsciente, que envolve uma avaliação negativa do *self* e uma visão dos outros como reprovadores, sendo considerada também a principal ameaça à atratividade social, envolvendo a ativação de diversos mecanismos do sistema de defesa (Elison, Garofalo, & Velotti, 2014; Tangney & Dearing, 2002). Por um lado, o sujeito pode adotar comportamentos autocríticos, bem como de submissão, isolamento, timidez e de depressão, quando internaliza as experiências de vergonha (Gilbert, 1998). Pelo contrário, quando o sujeito externaliza as experiências de vergonha, o comportamento adotado por este reflete-se na procura de conflitos, estratégias agressivas e dominantes, e ainda na culpabilização dos outros por atos que o próprio realizou (Gilbert, 1998). Estas estratégias são utilizadas de forma a suavizar o impacto nocivo resultante da experiencição da vergonha (Gold et al., 2011).

Atualmente existem estudos que, embora sejam escassos e com algumas limitações, demonstram que indivíduos que apresentem características psicopáticas podem experienciar vergonha, no entanto parecem lidar com esta de forma a transparecer o contrário (Campbell & Elison, 2005; Holmqvist, 2008; Morrison & Gilbert, 2001; Nathanson, 1994). Nesta linha de pensamento, e de acordo com autores como Campbell e Elison (2005) e Elison, Pulos e Lennon (2006), o facto de a vergonha estar associada a quadros psicopatológicos, a explicação para o seu desenvolvimento, e neste caso em particular, da psicopatia, não está na

emoção em si, mas sim na forma como cada um dos sujeitos lida com ela.

Neste sentido Nathanson (1994) propôs um modelo de gestão da vergonha, com o intuito de explorar esta questão e entender as respostas ou comportamentos dos sujeitos quando enfrentam situações de vergonha. Este modelo, denominado de *Compass of Shame* (i.e., Bússola da Vergonha), foi desenvolvido tendo por base observações clínicas e descreve quatro estilos de *coping* maladaptativos com a vergonha: Fuga, Ataque ao *Self*, Evitamento e Ataque ao Outro. Estas diferentes estratégias de lidar com a vergonha assumem características próprias e estão associadas a diferentes motivações, afetos e cognições e conseqüentemente a diferentes comportamentos. Assim, segundo este modelo, quando o indivíduo está perante situações indutoras de vergonha pode responder com comportamentos de Fuga (*Withdrawal*), em que o sujeito interioriza a experiência de vergonha como negativa e retira-se da situação a que está exposto, de modo a reduzir o desconforto provocado pela mesma; de Ataque ao *Self* (*Attack Self*), o sujeito reconhece a experiência como negativa, valida a experiência de vergonha e assume uma posição de autocrítica e desvalorização, com o objetivo de assim poder ganhar a aceitação por parte do outro; de Evitamento (*Avoidance*), em que o sujeito não aceita a experiência negativa como sendo sua e não valida a mensagem de vergonha, adotando uma postura com o intuito de distrair-se a si e aos outros do mal-estar associado à situação; e, por fim, de Ataque ao Outro (*Attack Other*), em que o sujeito pode não reconhecer a experiência negativa como sua, e culpabiliza o outro, fazendo-o sentir inferior a si próprio, com a finalidade de engrandecer a própria imagem e exteriorizar a vergonha. As estratégias de Fuga e Ataque ao *Self* são consideradas como estratégias internalizantes, pois a mensagem de vergonha é reconhecida como negativa, aceita e dirigida ao *self*. Já as estratégias de Evitamento e Ataque ao Outro são vistas como externalizantes dado que nem a experiência, nem a mensagem de vergonha são aceites como válidas, o que resulta na minimização dos efeitos negativos da experiência, disfarçando-os ou redirecionando-os para os outros (Elison et al., 2006). Para além destas formas de lidar com a vergonha, denominadas de não adaptativas, o modelo postula uma forma funcional/adaptativa de lidar com a vergonha, em que o indivíduo perante sentimentos de vergonha se autotranquiliza ou age no sentido de restabelecer a relação com os outros (Nathanson, 1994).

Um estudo realizado recentemente aponta para relação existente entre as estratégias utilizadas para lidar com a vergonha e as características psicopáticas, nomeadamente no sentido em que mostra que indivíduos com traços psicopáticos são caracterizados por níveis altos e incomuns de estratégias disfuncionais de coping com a vergonha (Nyström & Mikkelsen, 2012). Perante estas investigações, os indivíduos que tendem a apresentar traços de Grandiosidade/Manipulação e traços de Frieza emocional, parecem optar por estratégias mais externalizantes ao lidarem com situações indutoras de vergonha (i.e. estratégias de Ataque ao Outro e de Evitamento), na tentativa de esconder a vergonha que sente do próprio e dos outros. Contrariamente, os indivíduos que apresentam traços de Impulsividade/Irresponsabilidade, para além das estratégias externalizantes, também adotam estratégias internalizantes (i.e. Ataque ao *Self* e Fuga), pois veem-se como inferiores aos outros (Campbell & Elison, 2005). Resumidamente, a literatura evidencia que os indivíduos com características psicopáticas parecem assumir, principalmente, estratégias externalizantes para lidar com a vergonha (i.e. Ataque ao outro e Evitamento; Nyström & Mikkelsen, 2012).

Relativamente à questão dos géneros associados às variáveis que se pretendem estudar, a literatura revela que as mulheres tendem a apresentar níveis de vergonha mais elevados comparativamente com os homens (Hoglund & Nicholas, 1995). Contudo, estes dados, segundo os autores podem estar relacionados com questões sociais relativas aos comportamentos esperados tanto pelo homem como pela mulher, ou seja, a mulher habitualmente expressa os sentimentos de vergonha através de problemas internalizantes, escondendo os comportamentos de raiva, ao invés do homem que mais facilmente externaliza esses comportamentos (Hoglund & Nicholas, 1995). Por outro lado, estudos como o conduzido por Harper e Arias (2004) concluem que os níveis de vergonha experienciados por homens e mulheres são idênticos, podendo diferenciar-se os géneros na forma como cada individuo se expressa e lida com essa emoção.

Como anteriormente foi referido, estudos realizados por Nyström e Mikkelsen (2012) apontam as estratégias de *coping* com a vergonham como tendo um forte impacto no desenvolvimento de traços psicopáticos. Desta forma, as diferenças de género no que diz respeito à psicopatia, podem

também estar associadas à forma como cada indivíduo lida com a vergonha e consequentemente, ao modo como se comporta. Os resultados encontrados neste estudo recente relativamente a estas diferenças de género nas estratégias de *coping* com a vergonha e traços psicopáticos, demonstraram que os homens com características psicopáticas aparentam utilizar estratégias de Ataque ao outro como forma de lidar com a vergonha, e as mulheres com níveis idênticos de traços psicopáticos, utilizam estratégias de Evitamento.

Neste sentido, o presente estudo reveste-se de particular interesse e relevância na medida em que procura explorar o papel das experiências precoces nos níveis de vergonha sentidos atualmente e nos traços psicopáticos, mas também averiguar se as características psicopáticas em adolescentes poderão ser conceptualizadas como resultado da adoção preferencial de determinados estilos maladaptativos de *coping* com a vergonha. A investigação será conduzida no sentido de, numa fase inicial estas associações serem testadas numa amostra completa de adolescentes, e posteriormente, nas amostras de raparigas e rapazes, de forma a explorar eventuais diferenças nos resultados.

II - Metodologia

2.1. Participantes

A amostra deste estudo é constituída por 577 sujeitos da população portuguesa em geral, 340 do sexo feminino (58.9%) e 237 do sexo masculino (41.1%), com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos. A média de idades dos participantes é de 16.41 anos (DP=1.129) e a média do número de anos de escolaridade concluídos é 9.89 (DP=1.131). Atendendo ao nível socioeconómico, 54.5% dos participantes pertence a um nível socioeconómico médio (n=315), 38.0% insere-se num baixo nível socioeconómico (n=219) e 7.5% pertence a um alto nível socioeconómico (n=43).

2.2. Instrumentos

Experiências precoces

Escala da Centralidade do Acontecimento (CES; Centrality of event scale, Berntsen, & Rubin, 2006) é uma escala de autorrelato que mede a extensão em que uma memória de um acontecimento stressante é um ponto de referência para a identidade do indivíduo e para a atribuição de significado para outras experiências na vida de uma pessoa. É constituída por 20 itens, cotados numa escala tipo *Likert* de 5 pontos (1= *discordo totalmente*, 5= *concordo totalmente*), que avaliam em que medida a memória traumática se torna: ponto de referência para a inferência no dia-a-dia; num ponto de viragem na história de vida; e/ou numa componente central da identidade da pessoa. A pontuação pode variar entre os 20 e os 100 pontos. No estudo original, esta escala apresentou uma consistência interna elevada (Cronbach $\alpha=.94$). A CES foi traduzida e adaptada para a população portuguesa (Matos, Pinto-Gouveia, & Gomes, 2010), e mostrou boas qualidades psicométricas, nomeadamente elevada consistência interna (Cronbach $\alpha=.96$) e estabilidade temporal ($r=.68$). No presente estudo verificou-se igualmente uma elevada consistência interna com alfa de Cronbach de 0.95.

Escala de memórias precoces de calor e segurança (EMWSS; Early memories of warmth and safeness scale, Ritcher, Gilbert, & McEwan, 2009) é uma escala projetada para analisar as memórias dos sentimentos de calor, afeto e segurança na infância. A EMWSS contém 21 itens pontuados até 5 numa escala tipo *Likert* (0= *Não, nunca*, 4= *Sim, a maioria das vezes*). Quanto aos dados psicométricos, o estudo original desta escala apresenta uma consistência interna elevada ($\alpha =.97$) e boa confiança reteste com um coeficiente de correlação de $r=.91$. Neste estudo foi utilizada a versão portuguesa da escala (EMWSS-A), traduzida e adaptada à população adolescente portuguesa por Cunha, Xavier, Martinho & Matos (2013), a qual apresentou uma consistência interna de $\alpha =.95$ e um coeficiente de correlação de $r = .92$. A EMWSS-A no presente estudo demonstrou excelente consistência interna ($\alpha= .96$).

Vergonha

Escala de vergonha externa (OAS; Other As Shamer, Goss, Gilbert,

& Allan, 1994) é uma escala de autorresposta constituída por 18 itens e pontuada numa escala tipo *Likert* (0= *Nunca*, 4= *Quase sempre*). Esta escala avalia a vergonha externa, ou seja a perceção que cada indivíduo tem acerca do modo como pensa que os outros o vêem, é uma escala apropriada para jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos de idade. O estudo original apresentou uma consistência interna bastante boa (Cronbach $\alpha=.92$), da mesma forma que a versão portuguesa, traduzida e adaptada para os adolescentes portugueses (Barreto & Pereira, 2012) apresenta uma consistência interna de $\alpha=.93$. No corrente estudo esta escala apresentou um alfa de Cronbach de 0.92.

Coping com a vergonha

Compass of Shame Scale (COSS; Elison, Lennon, & Pulos, 2006), escala de autorresposta, constituída por 48 itens que avaliam 4 estratégias (respostas mal adaptativas) de *coping* com a vergonha que os sujeitos podem apresentar em resposta a uma experiência de vergonha. Estas diferentes estratégias, – Ataque ao *Self*, Ataque ao Outro Fuga e Evitamento, - são baseadas no modelo de Nathanson's (1994). Doze cenários potencialmente indutores de vergonha são apresentados aos sujeitos, cada um deles com 4 opções de resposta representativas de reações características dos 4 estilos de *coping*. Os itens são cotados até 5 pontos numa escala tipo *Likert* (0= *Nunca*; 4= *Quase sempre*). No estudo original, a escala obteve boas propriedades psicométricas (Ataque ao *Self*: $\alpha=.91$; Ataque ao Outro $\alpha=.85$; Evitamento: $\alpha=.74$; Fuga: $\alpha=.89$). Também no estudo de adaptação para a população portuguesa (Fonseca, da Motta, Ribeiro da Silva, Brazão, & Rijo, 2013, *manuscrito não publicado*), as propriedades psicométricas tiveram bons resultados (Ataque ao *Self*: $\alpha=.92$; Ataque ao Outro $\alpha=.86$; Evitamento: $\alpha=.75$ e Fuga: $\alpha=.89$). No presente estudo esta escala obteve os seguintes valores de alfa de *Cronbach*: $\alpha = .91$ para o Ataque ao *Self*, $\alpha = .86$ para Ataque ao Outro, $\alpha = .75$ para o Evitamento, e $\alpha = .87$ para a Fuga.

Traços psicopáticos

Inventário de traços psicopáticos (YPI; Psychopathic Traits Inventory, Andreshed, Kerr, Stattin, & Levander, 2002) é uma escala de autorrelato, composta por 50 itens construídos para medir traços de

personalidade psicopática na adolescência (em idades compreendidas entre os 12 e os 18). Os itens estão divididos em três subescalas principais: Grandiosidade/Manipulação, Frieza emocional e Impulsividade/Irresponsabilidade e são avaliados numa escala tipo *Likert* de 4 pontos (“*não se aplica*” até “*aplica-se muito bem*”). No estudo original esta escala apresenta bons resultados psicométricos, quer na escala completa ($\alpha=0.93$), quer em cada uma das subescalas (Grandiosidade/Manipulação: $\alpha=.91$; Frieza emocional: $\alpha=.81$ e Impulsividade/Irresponsabilidade: $\alpha=.80$). No que diz respeito à adaptação da escala para a versão portuguesa (Simões, Abrunhosa, Gonçalves, & Lopes, 2010), o estudo revelou, igualmente, boas propriedades psicométricas (escala completa: $\alpha=.94$; Grandiosidade/Manipulação: $\alpha=.93$; Frieza emocional: $\alpha=.58$ e Impulsividade/Irresponsabilidade: $\alpha=.84$). Recentemente, num estudo conduzido por Ribeiro da Silva, da Motta e Rijo (2015, *manuscrito não publicado*) esta medida revelou excelentes resultados quanto à consistência interna, quer da escala completa ($\alpha=0.93$), quer em cada uma das subescalas (Grandiosidade/Manipulação: $\alpha=.91$; Frieza emocional: $\alpha=.80$ e Impulsividade/Irresponsabilidade: $\alpha=.84$). No presente estudo, a medida revelou boa consistência interna (Grandiosidade / Manipulação: $\alpha=.91$; Frieza emocional: $\alpha=.77$ e Impulsividade / Irresponsabilidade: $\alpha=.79$).

2.3. Procedimento metodológico

Para concretizar o objetivo a que nos propomos, os participantes responderam a um conjunto de questionários de autorresposta, em contexto de sala de aula e com a presença do investigador responsável. A amostra foi recolhida em escolas da região centro, sendo os participantes alunos do 3º ciclo do ensino básico e ensino secundário. Inicialmente, as escolas foram contactadas, com o intuito de serem explicados os objetivos e implicações da investigação, bem como obter as autorizações das escolas e encarregados de educação dos participantes. De acordo com as questões éticas, foi explicado aos participantes que a sua participação seria voluntária e que as suas respostas e identidade seriam confidenciais e apenas utilizadas para o propósito do estudo.

2.4. Procedimento estatístico

No tratamento estatístico dos dados recorreu-se ao uso dos *softwares* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 20.0 e o MPlus versão 6.12 (Muthén & Muthén, 2011). Num primeiro momento, procedeu-se ao cálculo de estatísticas descritivas, como médias e desvios-padrão, e no sentido de explorar a relação entre as variáveis do estudo, calculou-se os coeficientes de correlação de *Pearson*. Foram também calculados os alfas de *Cronbach* com o intuito de analisar a consistência interna das escalas.

Foi realizado um estudo mediacional através da Análise de Trajetórias (*Path Analysis*) a fim de avaliar efeito mediador dos níveis de vergonha atualmente sentidos (OAS) e dos estilos de *coping* com a vergonha (CoSS) na relação entre as experiências precoces (EMWSS-A e CES) e os traços psicopáticos (i.e. Grandiosidade/Manipulação, Frieza emocional, Impulsividade/Irresponsabilidade), primeiro na amostra completa e, em seguida, na amostra dividida por géneros (feminino e masculino). A Análise de Trajetórias é um caso particular da análise de Modelos de Equações Estruturais (MEE), cujo objetivo é o de explorar as relações estruturais hipotéticas existentes entre as variáveis previamente estabelecidas (Pilati & Larose, 2007; Kline, 2005; Marôco, 2010; Schreiber et al., 2006). Com este procedimento pretende-se testar o efeito que um conjunto de variáveis exerce noutro conjunto, na mesma equação, ao mesmo tempo que se controla o erro associado às variáveis em estudo (Byrne, 2010; Kline, 2005). Atendendo aos autores Hoyle e Smith (1994), os MEE apresentam duas vantagens que se sobrepõem ao uso de uma análise de variância ou de regressão múltipla. Primeiro, os Modelos de Equações Estruturais permitem avaliar a magnitude das relações entre os constructos psicológicos, enquanto se controla os erros de medição associados aos constructos falíveis das construções teóricas. Em segundo lugar, permite estimar e avaliar várias equações (i.e., trajetórias únicas e comuns), simultaneamente, num único modelo estrutural. Efeitos com um $p < 0.05$ foram considerados significativos. O ajustamento do modelo aos dados foi avaliado usando os seguintes índices: *Chi-square* (χ^2) *test*, *Comparative Fit Index* (CFI), *Tucker-Lewis Index* (TLI), *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA) and *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR).

III - Resultados

3.1. Estatística descritiva das variáveis em estudo

As médias e desvios padrão para as variáveis do presente estudo estão representadas na Tabela 1. Para analisar a existência de diferenças de género foi realizado o teste *t-Student*, tendo sido encontradas diferenças significativas nas variáveis de seguida apresentadas. As raparigas apresentam uma pontuação significativamente mais elevada que os rapazes nas estratégias de *coping* de Ataque ao *Self* (raparigas, M=21.94 DP=10.41; rapazes, M=17.97 DP=10.08, $p<.001$) e Fuga (raparigas, M=19.45 DP=8.93; rapazes, M=16.47 DP=8.94, $p<.001$). Por outro lado, os rapazes pontuam significativamente mais alto que as raparigas em todos os traços psicopáticos, Grandiosidade/Manipulação (rapazes, M=40.55 DP=9.42; raparigas, M=34.08 DP=8.45, $p<.001$), Frieza emocional (rapazes, M=32.11 DP=5.39; raparigas, M=27.57 DP=5.77, $p<.001$) e Impulsividade/Irresponsabilidade (rapazes, M=35.81 DP=5.83; raparigas, M=33.39 DP=6.28, $p<.001$).

Tabela 1. Médias, desvios padrão (DP) e test-t para rapazes e raparigas

Variáveis	Total (n=577)		Rapazes (n=237)		Raparigas (n=340)		T
	Média	DP	Média	DP	Média	DP	
Exp. Precoces							
CES	49.54	17.61	50.04	17.80	49.20	17.50	.564
EMWSS-A	65.03	15.31	63.97	15.28	65.77	15.32	-1.387
Vergonha							
OAS	22.65	11.40	22.46	11.80	22.79	11.12	-.333
Coping com a vergonha							
CoSS Ataque	11.96	7.78	12.45	8.09	11.61	7.56	1.264
Outro							
CoSS Ataque	20.31	10.45	17.97	10.08	21.94	10.41	-4.554*
Self							
CoSS Evitamento	19.01	6.90	19.22	7.70	18.86	6.30	.588
CoSS Fuga	18.23	9.04	16.47	8.94	19.45	8.93	-3.947*
Psicopatia							
GM	36.74	9.41	40.55	9.42	34.08	8.45	8.627*
Fe	29.44	6.04	32.11	5.39	27.57	5.77	9.542*
II	34.38	6.21	35.81	5.83	33.39	6.28	4.702*

*Bonferroni $p<.005$

Nota: CES= *Centrality of event scale*. EMWS-A= *Early memories of warmth and safeness scale*.

Experiências precoces e coping com a vergonha no desenvolvimento de traços psicopáticos em adolescentes: diferenças de género.

Inês Alexandra Rodrigues Bastos (e-mail: inesbastos91@hotmail.com) 2015

OAS= *Other as Shamer*. CoSS= *Compass of Shame Scale*. GM= Grandiosidade/Manipulação. Fe= Frieza emocional. II= Impulsividade/Irresponsabilidade.

3.2. Análise de correlações

Os coeficientes de correlação de *Pearson*¹ para todas as variáveis estão representadas na Tabela 2.

Relativamente à centralidade das memórias de vergonha (CES), esta está significativamente correlacionada com as memórias de calor e segurança (EMWSS-A), com uma associação fraca e negativa. Quanto aos atuais níveis de vergonha (OAS) e a centralidade das memórias de vergonha, estes apresentam uma correlação moderada e positiva entre si; por outro lado, a associação entre os níveis atuais de vergonha e as memórias de calor e segurança mostram uma correlação fraca e negativa.

No que diz respeito às associações entre a centralidade das memórias de vergonha (CES) e os diferentes traços psicopáticos, a centralidade das memórias de vergonha e o traço Impulsividade/Irresponsabilidade estão significativamente correlacionados com uma associação fraca e positiva, contudo, aquela variável não se encontra associada aos traços de Grandiosidade/Manipulação e Frieza emocional. Por outro lado, todos os traços psicopáticos têm uma associação fraca e negativa com as experiências de calor e segurança (EMWSS-A), mas uma associação positiva com os níveis atuais de vergonha (OAS).

No que diz respeito às correlações entre as estratégias de *coping* com a vergonha e os traços psicopáticos, o fator de Grandiosidade/Manipulação demonstra uma associação fraca e positiva com a estratégia de Ataque ao Outro, enquanto que com a estratégia de Ataque ao *Self* apresenta uma correlação significativamente negativa. Relativamente à Frieza emocional, este fator apresenta uma correlação positiva com as estratégias de Ataque ao Outro e Evitamento, e uma correlação negativa com as estratégias de Ataque ao *Self* e Fuga. Por último, o fator Impulsividade/Irresponsabilidade está significativamente correlacionado com as estratégias de Ataque ao Outro, Evitamento e Fuga.

¹ As correlações foram interpretadas de acordo com Field (2009).

Tabela 2. Correlações entre as experiências precoces de vergonha, vergonha e traços psicopáticos.

Variáveis	CES	EMWSS-A	OAS	GM	Fe	II
EMWSS-A	-.199**					
OAS	.427**	-.344**				
YPI GM	.049	-.160**	.098*			
YPI Fe	.045	-.194**	.081*	.618**		
YPI II	.134**	-.183**	.218**	.502**	.357**	
CoSS AO	.255**	-.174**	.440**	.324**	.256**	.277**
CoSS AS	.330**	-.169**	.608**	-.141**	-.147**	.064
CoSS Evi	.140**	.006	.238**	.297**	.243**	.234**
CoSS Fu	.355**	-.195**	.633**	-.072	-.101*	.099*

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed)

* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed)

CES= *Centrality of event scale*. EMWSS-A= *Early memories of warmth and safeness scale*. OAS= *Other as Shamer*. YPI GM= *Psychopathic Traits Inventory Grandiosidade/Manipulação*. YPI Fe= *Psychopathic Traits Inventory Frieza emocional*. YPI II= *Psychopathic Traits Inventory Impulsividade/Irresponsabilidade*. CoSS AO= *Compass of Shame Scale Ataque ao Outro*. CoSS AS= *Compass of Shame Scale Ataque ao Self*. CoSS Evi= *Compass of Shame Scale Evitamento*. CoSS Fu= *Compass of Shame Scale Fuga*.

3.3. O papel mediador da vergonha e coping com a vergonha na relação entre as experiências precoces e os traços psicopáticos: análise de trajetórias

3.3.1. Estudo das variáveis na amostra completa

Tendo em consideração as hipóteses previamente apresentadas, testámos o modelo estrutural teórico, no qual estudamos o efeito mediador dos níveis de vergonha atualmente sentidos (OAS) e dos estilos de *coping* com a vergonha (CoSS) na relação entre as experiências precoces de calor, afeto e segurança (EMWSS-A) e de centralidade das memórias de vergonha (CES), e os traços psicopáticos (i.e. Grandiosidade/Manipulação, Frieza emocional, Impulsividade/Irresponsabilidade). Para esta finalidade foi utilizado o método de estimação da Máxima Verossimilhança (ML – *Maximum Likelihood*, 53 parâmetros).

Após ser testado o modelo teórico e analisados os coeficientes estandardizados, verificou-se a existência de trajetórias não significativas ($p > .05$), entre as quais: o efeito direto da centralidade das memórias de vergonha (CES) nos traços psicopáticos, Grandiosidade/Manipulação ($\beta = .004$; $p = .867$), Frieza emocional ($\beta = .003$; $p = .785$) e

Impulsividade/Irresponsabilidade ($\beta = .012$; $p = .372$), e o efeito direto da estratégia de *coping* com a vergonha de Ataque ao Self no traço psicopático de Impulsividade/Irresponsabilidade ($\beta = -.053$; $p = .154$).

Estas trajetórias estatisticamente não significativas foram eliminadas gradualmente e o modelo estrutural constituído por 53 parâmetros foi recalculado (Figura 1).

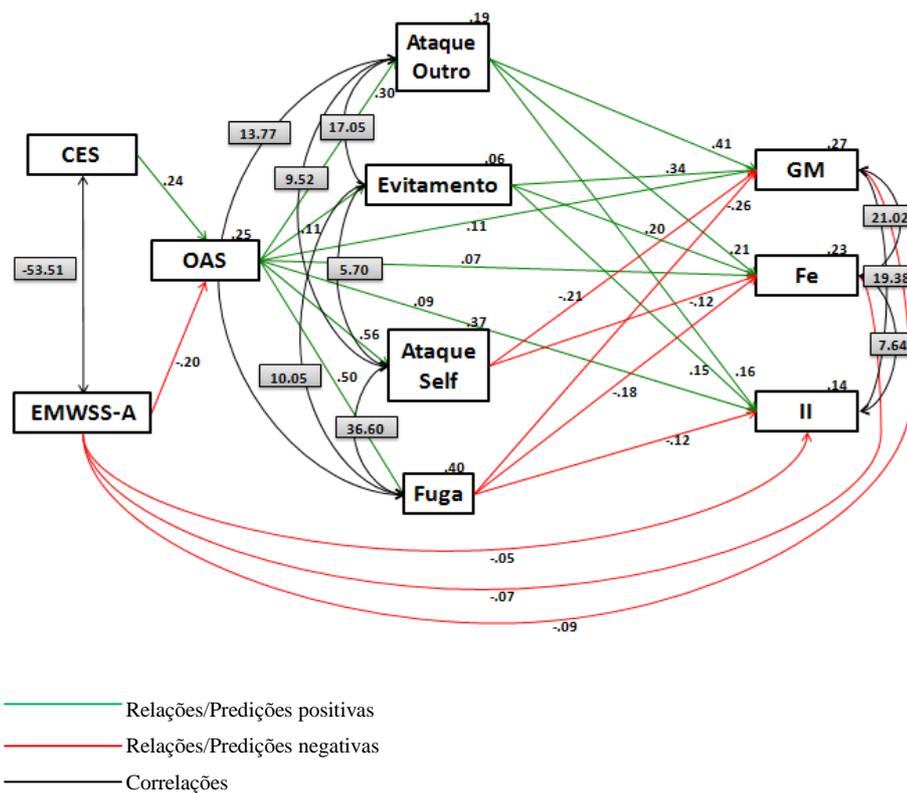


Figura 1. Resultados da análise das trajetórias, mostrando a relação entre as memórias precoces (de vergonha e calor e segurança), a vergonha, os estilos de *coping* com a vergonha e os traços psicopáticos, com os coeficientes padronizados e significativos, na população adolescente em geral. Nota: CES= *Centrality of Event Scale*; EMWSS-A= *Early Memory Warmth and Safeness Scale Adolescent Version*; OAS= *Other as Shamer Scale*; II= *Impulsividade/Irresponsabilidade*; Fe= *Frieza emocional*; GM= *Grandiosidade/Manipulação*.

Quando observamos os índices de ajustamento do modelo final, foi obtido um *Chi-square* ($\chi^2 = 23.573$, $df = 12$; $p < .05$), um *Comparative Fit Index* (CFI) = .994, um *Tucker-Lewis Index* (TLI) = .979, um *Root Mean Square Error of Aproximation* (RMSEA) = .041 e um *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR) = .022. Assim, tendo em conta os valores de ajustamento alcançados, podemos considerar que os indicadores de ajustamento são bons, de acordo com Hair et al. (2009) e Hu e Bentler,

(1995)².

Este modelo explica 25% dos níveis de vergonha atualmente sentidos, 19% da estratégia de *coping* Ataque ao Outro, 6% de Evitamento, 37% de Ataque ao *Self*, 40% de Fuga, 27% do traço psicopático de Grandiosidade/Manipulação, 23% de Frieza emocional e 14% do traço Impulsividade/Irresponsabilidade.

No que concerne às ligações diretas e estatisticamente significativas os resultados obtidos mostram que: a associação entre as experiências precoces, ou seja, entre a centralidade das memórias de vergonha (CES) e experiências de calor e segurança (EMWSS-A), apresenta uma correlação negativa ($\beta = -53.51$; $p < .001$), o que pode significar que indivíduos com pontuações altas na centralidade das memórias de vergonha tendem a reportar baixos níveis de experiências de calor, afeto e segurança. Os resultados evidenciam, também, que estas experiências precoces influenciam os níveis de vergonha atualmente sentidos (OAS). A centralidade das memórias de vergonha predizem positivamente os níveis atuais de vergonha ($\beta = .24$; $p < .001$) e estes são preditos pelas experiências precoces de calor e segurança no sentido expectável ($\beta = -.20$; $p < .001$). As experiências de calor, afeto e segurança (EMWSS-A) também predizem todos os traços psicopáticos (YPI: GM/Fe/II), de forma negativa (GM: $\beta = -.09$; $p < .001$; Fe: $\beta = -.07$; $p < .001$; II: $\beta = -.05$; $p < .05$).

Relativamente aos níveis de vergonha atualmente sentidos, como era esperado, estes predizem os quatro estilos de *coping* com a vergonha (Ataque ao outro: $\beta = .30$; $p < .001$; Evitamento: $\beta = .11$; $p < .001$; Ataque ao *Self*: $\beta = .56$; $p < .001$; Fuga: $\beta = .50$; $p < .001$), o que pode significar que indivíduos propensos a sentir vergonha podem envolver-se, mais frequentemente, em estratégias maladaptativas de lidar com este sentimento. Adicionalmente, os níveis atuais de vergonha predizem, também, os traços de psicopatia (Grandiosidade/Manipulação: $\beta = .11$; $p < .05$; Frieza emocional: $\beta = .07$; $p < .05$; Impulsividade/Irresponsabilidade: $\beta = .09$; $p < .05$).

² As seguintes estatísticas e os pontos de corte recomendados foram usados para avaliar o ajustamento do modelo: *Chi-square* (χ^2 , valores de p insignificantes, mesmo com bom ajustamento; valores maiores representam pior ajustamento), *Comparative Fit Index* (CFI $\geq 0,95$ = bom), *Tucker-Lewis Index* (TLI $\geq 0,95$ = bom), RMSEA $\leq 0,05$ = muito bom, $\leq 0,08$ = aceitável; $\leq 0,10$ = pobre) e *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR ≤ 0.80 = bom) (Hair et al., 2009; Hu & Bentler, 1995).

Experiências precoces e coping com a vergonha no desenvolvimento de traços psicopáticos em adolescentes: diferenças de género.

Inês Alexandra Rodrigues Bastos (e-mail: inesbastos91@hotmail.com) 2015

Tendo em conta as quatro estratégias maladaptativas de *coping* com a vergonha, a estratégia de Ataque ao Outro prediz positivamente os traços de Grandiosidade/Manipulação ($\beta=.41$; $p<.001$), de Frieza emocional ($\beta=.21$; $p<.001$) e de Impulsividade/Irresponsabilidade ($\beta=.16$; $p<.001$). Do mesmo modo, também a estratégia de Evitamento influencia positivamente os três traços psicopáticos (Grandiosidade/Manipulação: $\beta=.34$; $p<.001$; Frieza emocional: $\beta=.20$; $p<.001$; Impulsividade/Irresponsabilidade: $\beta=.15$; $p<.001$). Por outro lado, a estratégia de Fuga prediz negativamente os traços de psicopatia, nomeadamente Grandiosidade/Manipulação ($\beta=-.26$; $p<.001$), Frieza emocional ($\beta=-.18$; $p<.001$) e Impulsividade/Irresponsabilidade ($\beta=-.12$; $p<.001$). A estratégia de Ataque ao *Self* apenas influencia negativamente os traços de Grandiosidade/Manipulação ($\beta=-.21$; $p<.001$) e de Frieza emocional ($\beta=-.12$; $p<.001$).

Quanto às trajetórias indiretas, apesar da centralidade das memórias de vergonha (CES) não apresentar efeito direto com os de Grandiosidade/Manipulação, as trajetórias indiretas tornam-se significativas através das estratégias de *coping* com a vergonha (CES-OAS-Ataque ao Outro-GM: $\beta=.030$; $p<.001$; CES-OAS-Ataque ao *Self*-GM: $\beta=-.028$; $p<.001$; CES-OAS-Evitamento-GM: $\beta=.012$; $p<.001$; CES-OAS-Fuga-GM: $\beta=-.031$; $p<.001$). Também se observa efeito significativo entre as memórias de vergonha e o traço de Frieza emocional, através das estratégias de *coping* com a vergonha (CES-OAS-Ataque ao Outro-Fe: $\beta=.015$; $p<.001$; CES-OAS-Ataque ao *Self*-Fe: $\beta=-.016$; $p<.05$; CES-OAS-Evitamento-Fe: $\beta=.007$; $p<.001$; CES-OAS-Fuga-Fe: $\beta=-.022$; $p<.05$). Relativamente ao traço de Impulsividade/Irresponsabilidade, as trajetórias indiretas tornam-se significativas quando se inclui as estratégias de Ataque ao Outro (CES-OAS-Ataque ao Outro-II: $\beta=.011$; $p<.001$) e de Evitamento (CES-OAS-Evitamento-II: $\beta=.005$; $p<.05$).

Em suma, e tendo em consideração a interpretação dos resultados na amostra completa, verificamos que as experiências precoces (CES e EMWSS-A), para além de uma associação negativa entre si, também predizem os níveis de vergonha atualmente sentidos (OAS). As experiências de calor, afeto e segurança (EMWSS-A) predizem negativamente todos os traços psicopáticos. Os níveis de vergonha atualmente sentidos estão relacionados com as estratégias de *coping* com a vergonha e predizem

positivamente os três traços de psicopatia. Quanto às estratégias de *coping* com a vergonha, tanto o Ataque ao Outro como o Evitamento predizem positivamente os traços psicopáticos, sendo mais expressiva a relação com o traço de Grandiosidade/Manipulação. As estratégias de Ataque ao *Self* e de Fuga predizem negativamente os traços psicopáticos. No entanto a estratégia de Ataque ao *Self* não prediz o traço de Impulsividade/Irresponsabilidade. Por último, a relação entre as memórias de vergonha (CES) e os traços psicopáticos, embora pouco expressiva, torna-se significativa através das estratégias de *coping* com a vergonha.

3.3.2. Estudo das variáveis na amostra do género feminino

Após a análise do modelo na amostra completa de adolescentes, explorámos o mesmo modelo estrutural, por um lado, apenas com os participantes do género feminino, e por outro, apenas com os participantes do género masculino. Esta divisão foi realizada no sentido de avaliar as diferenças existentes entre os dois grupos, no que diz respeito aos estilos de *coping* e aos traços psicopáticos. Para tal foi utilizado o método de estimação da Máxima Verossimilhança (ML – *Maximum Likelihood*, 49 parâmetros).

Após ter sido testado o modelo e os coeficientes estandardizados, verificou-se que as seguintes trajetórias não se revelaram estatisticamente significativas: o efeito direto dos níveis atuais de vergonha (OAS) nos traços psicopáticos de Impulsividade/Irresponsabilidade ($\beta=.027$; $p=.494$), de Frieza emocional ($\beta=.058$; $p=.095$) e de Grandiosidade/Manipulação ($\beta=.058$; $p=.148$), o efeito direto da estratégia de *coping* Fuga nos traços de Impulsividade/Irresponsabilidade ($\beta=-.027$; $p=.501$), de Grandiosidade/Manipulação ($\beta=-.092$; $p=.148$) e de Frieza emocional ($\beta=-.051$; $p=.258$).

Depois de excluídas as trajetórias não significativas, de forma progressiva, o modelo constituído por 49 parâmetros foi recalculado (Figura 2).

reportar baixos níveis de experiências de calor, afeto e segurança. Os resultados revelaram também que, a centralidade das memórias de vergonha ($\beta=.23$; $p<.001$) e as memórias de experiências de calor e afeto ($\beta= -.26$; $p<.001$) influenciam no sentido esperado os níveis atuais de vergonha (OAS). As experiências precoces de calor e afeto predizem negativamente os três traços de psicopatia (Grandiosidade/Manipulação: $\beta=-.08$; $p<.05$; Frieza emocional: $\beta=-.07$; $p<.001$; Impulsividade/Irresponsabilidade: $\beta=-.06$; $p<.001$).

Tendo em conta os níveis de vergonha atualmente sentidos (OAS), estes predizem os quatro estilos de *coping* com a vergonha (Ataque ao Outro: $\beta=.24$; $p<.001$; Evitamento: $\beta=.08$; $p<.001$; Ataque ao *Self*: $\beta=.58$; $p<.001$; Fuga: $\beta=.51$; $p<.001$). No entanto, os resultados mostram que os níveis atuais de vergonha não predizem, de forma direta, nenhum dos traços psicopáticos na população de raparigas adolescentes.

Relativamente às quatro estratégias maladaptativas de *coping* com a vergonha, a estratégia de Ataque ao Outro prediz positivamente os traços de Grandiosidade/Manipulação ($\beta=.41$; $p<.001$), de Frieza emocional ($\beta=.16$; $p<.001$) e de Impulsividade/Irresponsabilidade ($\beta=.19$; $p<.001$). Também a estratégia de Evitamento influencia positivamente os três traços psicopáticos (Grandiosidade/Manipulação: $\beta=.25$; $p<.001$; Frieza emocional: $\beta=.24$; $p<.001$; Impulsividade/Irresponsabilidade: $\beta=.15$; $p<.001$). A estratégia de Ataque ao *Self* influencia, negativamente, apenas os traços de Grandiosidade/Manipulação ($\beta= -.17$; $p<.001$) e de Frieza emocional ($\beta= -.12$; $p<.001$).

As trajetórias indiretas entre a centralidade das memórias de vergonha e os traços psicopáticos tornam-se ligações estatisticamente significativas através dos estilos de *coping* com a vergonha. Assim, a trajetória indireta entre a centralidade das memórias de vergonha e os traços de Grandiosidade/Manipulação são significativas através das estratégias de Ataque ao Outro (CES-OAS-Ataque ao Outro-GM: $\beta=.022$; $p<.001$), de Ataque ao *Self* (CES-OAS-Ataque ao *Self*-GM: $\beta=-.023$; $p<.001$) e de Evitamento (CES-OAS-Evitamento-GM: $\beta=.005$; $p<.05$). Quanto às ligações entre a centralidade das memórias de vergonha e o traço de Frieza emocional tornam-se significativas quando se inclui as estratégias de Ataque ao Outro e Evitamento (CES-OAS-Ataque ao Outro-Fe: $\beta=.009$; $p<.05$;

CES-OAS-Evitamento-Fe: $\beta=.004$; $p<.05$). Por outro lado, apenas quando se inclui a estratégia de Ataque ao Outro, é que a ligação entre a centralidade das memórias de vergonha e o traço psicopático de Impulsividade/Irresponsabilidade se torna estatisticamente significativa (CES-OAS-Ataque ao Outro-II: $\beta=.010$; $p<.001$).

Considerando os resultados encontrados na amostra do género feminino, verificamos que, da mesma forma que na amostra completa, as experiências precoces (CES e EMWSS-A) têm uma associação negativa entre si e predizem os níveis atuais de vergonha (OAS). Também as experiências de calor e afeto (EMWSS-A) predizem negativamente todos os traços psicopáticos. Os níveis atuais de vergonha encontram-se relacionados com as estratégias de *coping* com a vergonha mas, contrariamente ao que é observado na amostra completa, estes não predizem diretamente os traços psicopáticos. Quanto às estratégias maladaptativas de *coping* com a vergonha, quer o Ataque ao Outro quer o Evitamento predizem positivamente todos os traços psicopáticos. A estratégia de Ataque ao *Self* prediz negativamente os traços de Grandiosidade/Manipulação e de Frieza emocional, como se verifica também na amostra completa. Contudo, a estratégia de Fuga não prediz nenhum dos traços psicopáticos, contrariamente ao que foi alcançado nos resultados com a amostra completa.

3.3.3. Estudo das variáveis na amostra do género masculino

Tendo por base o modelo estrutural inicialmente explorado para a amostra total, o mesmo foi testado apenas para a amostra de rapazes. Para tal foi utilizado o método de estimação da Máxima Verossimilhança (ML – *Maximum Likelihood*, 48 parâmetros).

Depois de testado o modelo e os coeficientes standardizados, verificou-se que as seguintes trajetórias não se revelaram estatisticamente significativas: o efeito direto das experiências de calor e segurança no traço psicopático de Impulsividade/Irresponsabilidade ($\beta=-.039$; $p=.099$) e o efeito direto dos níveis de vergonha atualmente sentido nos traços psicopáticos de Frieza emocional ($\beta=.049$; $p=.203$) e de Grandiosidade/Manipulação ($\beta=.059$; $p=.313$). Também os efeitos diretos da estratégia de *coping* Ataque ao Outro nos traços de

Impulsividade/Irresponsabilidade ($\beta=.044$; $p=.448$) e da estratégia de Ataque ao *Self* nos traços de Frieza emocional ($\beta=-.069$; $p=.156$) se verificaram trajetórias estatisticamente não significativas.

Assim, estas trajetórias não significativas foram excluídas, progressivamente e o modelo constituído por 48 parâmetros foi recalculado (Figura 3).

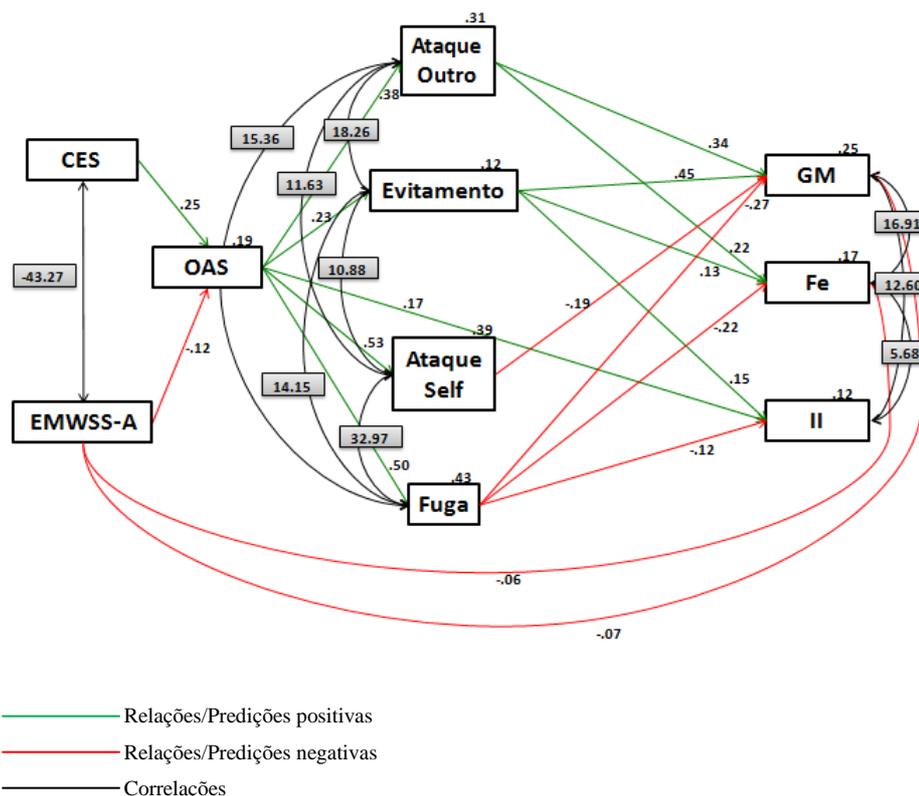


Figura 3. Resultados da análise das trajetórias, mostrando a relação entre as memórias precoces (de vergonha e calor e segurança), a vergonha, os estilos de *coping* com a vergonha e os traços psicopáticos, com os coeficientes estandardizados e significativos, na população de rapazes adolescente. Nota: CES= *Centrality of Event Scale*; EMWSS-A= *Early Memory Warmth and Safeness Scale Adolescent Version*; OAS= *Other as Shamer Scale*; II= Impulsividade/Irresponsabilidade; Fe= Frieza emocional; GM= Grandiosidade/Manipulação

O modelo final apresentou índices razoáveis de ajustamento: $\chi^2=46.908$ ($df=17$, $p<.05$); CFI=0.96; TLI=0.91; RMSEA= 0.086; SRMR=.051.

Este modelo explica 19% dos níveis de vergonha atualmente sentidos, 31% da estratégia de *coping* Ataque ao Outro, 12% do Evitamento, 39% de Ataque ao *Self*, 43% de Fuga, 25% do traço psicopático Grandiosidade/Manipulação, 17% de Frieza emocional e 12% do traço

Experiências precoces e coping com a vergonha no desenvolvimento de traços psicopáticos em adolescentes: diferenças de género.

Inês Alexandra Rodrigues Bastos (e-mail: inesbastos91@hotmail.com) 2015

Impulsividade/Irresponsabilidade.

Da mesma forma que os resultados mostraram, na amostra completa e na amostra apenas de raparigas, também aqui, a associação entre as experiências precoces (CES e EMWSS-A) revelam uma correlação negativa ($\beta = -43.27$; $p < .05$). A centralidade das memórias de vergonha influenciam positivamente os atuais níveis de vergonha ($\beta = .25$; $p < .001$) e as experiências precoces de calor, afeto e segurança influenciam negativamente os níveis de vergonha atualmente sentidos ($\beta = -.12$; $p < .05$). Adicionalmente, as experiências precoces de calor e afeto (EMWSS-A) predizem, de forma negativa, apenas os traços de Grandiosidade/Manipulação ($\beta = -.07$; $p < .05$), e de Frieza emocional ($\beta = -.06$; $p < .05$).

Quanto aos níveis de vergonha atualmente sentidos (OAS), estes predizem positivamente todas as estratégias de *coping* com a vergonha (Ataque ao outro: $\beta = .38$; $p < .001$; Evitamento: $\beta = .23$; $p < .001$; Ataque ao *Self*: $\beta = .53$; $p < .001$; Fuga: $\beta = .50$; $p < .001$). Os resultados reportam, ainda que os níveis de vergonha atualmente sentidos apenas predizem positivamente os traços de Impulsividade/Irresponsabilidade ($\beta = .17$; $p < .001$).

No que diz respeito às estratégias de *coping* com a vergonha, a estratégia de Ataque ao Outro prediz positivamente os traços de Grandiosidade/Manipulação ($\beta = .34$; $p < .001$) e de Frieza emocional ($\beta = .22$; $p < .001$). Já a estratégia de Evitamento influencia positivamente todos os traços psicopáticos (Grandiosidade/Manipulação: $\beta = .45$; $p < .001$; Frieza emocional: $\beta = .13$; $p < .001$; Impulsividade/Irresponsabilidade: $\beta = .15$; $p < .05$). Quanto à estratégia de Ataque ao *Self*, apenas prediz negativamente o traço de Grandiosidade/Manipulação ($\beta = -.19$; $p < .05$). Contrariamente, a estratégia de Fuga influencia negativamente todos os traços psicopáticos (Grandiosidade/Manipulação: $\beta = -.27$; $p < .05$; Frieza emocional: $\beta = -.22$; $p < .001$; Impulsividade/Irresponsabilidade: $\beta = -.12$; $p < .05$).

Por último, as trajetórias indiretas entre a centralidade das memórias de vergonha e os traços psicopáticos tornam-se ligações estatisticamente significativas através dos estilos de *coping* com a vergonha. Assim, a trajetória indireta entre a centralidade das memórias de vergonha e os traços de Grandiosidade/Manipulação são significativas através das estratégias de Ataque ao Outro (CES-OAS-Ataque ao Outro-GM: $\beta = .032$; $p < .001$), de

Ataque ao *Self* (CES-OAS-Ataque ao *Self*-GM: $\beta=-.026$; $p<.05$), de Evitamento (CES-OAS-Evitamento-GM: $\beta=.026$; $p<.001$) e de Fuga (CES-OAS-Fuga-GM: $\beta=-.035$; $p<.05$). Quanto às ligações entre a centralidade das memórias de vergonha e o traço de Frieza emocional tornam-se significativas quando se inclui as estratégias de Ataque ao Outro, de Evitamento e de Fuga (CES-OAS-Ataque ao Outro-Fe: $\beta=.021$; $p<.001$; CES-OAS-Evitamento-Fe: $\beta=.008$; $p<.05$; CES-OAS-Fuga-GM: $\beta=-.028$; $p<.001$). Por outro lado, apenas quando se inclui a estratégia de Evitamento, é que a ligação entre a centralidade das memórias de vergonha e o traço psicopático de Impulsividade/Irresponsabilidade se torna estatisticamente significativa (CES-OAS-Evitamento-II: $\beta=.009$; $p<.05$).

Em suma, relativamente aos resultados obtidos na amostra do género masculino, comparativamente às amostras completa e do género feminino, verifica-se que as experiências precoces têm uma associação negativa entre si e predizem os níveis de vergonha atualmente sentidos. No entanto na amostra de rapazes, apenas se verifica uma relação direta das experiências de calor e afeto (EMWSS-A) com os traços psicopáticos de Grandiosidade/Manipulação e de Frieza emocional. Também se encontram diferenças na relação entre os níveis atuais de vergonha e os traços psicopáticos. Na amostra de rapazes, os sentimentos de vergonha predizem positivamente apenas o traço de Impulsividade/Irresponsabilidade, ao contrário da amostra de raparigas, onde os níveis de vergonha não predizem nenhum dos traços psicopáticos, e da amostra completa, onde os sentimentos de vergonha predizem positivamente todos os traços psicopáticos. Quanto às estratégias de coping com a vergonha, também são observadas algumas diferenças comparativamente à amostra do género feminino, nomeadamente na estratégia de Fuga, sendo que na amostra de rapazes, esta estratégia prediz negativamente os traços psicopáticos, o que não acontecia na amostra das raparigas. Ainda a estratégia de Ataque ao *Self* prediz negativamente apenas o traço de Grandiosidade/Manipulação e a estratégia de Ataque ao Outro não prediz o traço de Impulsividade/Irresponsabilidade.

IV – Discussão

As experiências e sentimentos de vergonha têm sido considerados fortes preditores de diferentes tipos de psicopatologia (Bennett et al., 2005; Gilbert et al., 1996; Stuewig & McCloskey, 2005). Contudo, o papel preditor da vergonha não se encontra claro em alguns tipos de perturbações mentais, como por exemplo no comportamento antissocial ou na psicopatia.

O estudo apresentado teve como objetivo avaliar o efeito mediador dos níveis de vergonha atualmente sentidos e dos estilos de *coping* com a vergonha na relação entre as experiências precoces e os traços psicopáticos (i.e. Grandiosidade/Manipulação, Frieza emocional, Impulsividade/Irresponsabilidade). Estas associações foram, primeiro, estudadas na amostra completa de adolescentes e, em seguida, na amostra dividida por géneros (feminino e masculino), no sentido de explorar eventuais diferenças no desenvolvimento de características psicopáticas, mas também nos níveis de vergonha experienciados e na forma como os indivíduos de ambos os géneros lidam com esta.

Os principais resultados apontam, numa primeira fase, para a existência de uma associação negativa entre as experiências precoces, ou seja, entre a centralidade das memórias de vergonha e as experiências de calor, afeto e segurança. Estes resultados vão de encontro ao estabelecido na literatura existente, o que significa que indivíduos em que experiências de vergonha são centrais na sua identidade, podem recordar ou vivenciar níveis mais baixos de memórias de calor, afeto e segurança, e vice-versa (Gross & Hansen, 2002; Lewis, 1992; Stuewig & McCloskey, 2005).

Relativamente à influência das experiências precoces nos níveis de vergonha atualmente sentidos, os resultados evidenciam que ambos os tipos de memórias precoces predizem significativamente os sentimentos atuais de vergonha. Estes resultados sugerem que a elevada recordação de experiências precoces negativas, cuja centralidade possa evidenciar sintomatologia traumática, associa-se à experiência de níveis elevados de vergonha no presente, traduzidos no desenvolvimento de uma visão negativa do *self* (inferior e indesejado) e dos outros (críticos e ameaçadores) (Bennett et al., 2005; Pinto-Gouveia & Matos, 2011; Stuewig & McCloskey, 2005). Por outro lado, as memórias precoces positivas, ou seja, as de calor e afeto,

predizem negativamente os sentimentos de vergonha. Investigações recentes salientam que indivíduos que reportam elevadas memórias de experiências de cuidados, de segurança e de calor e afeto, são menos propensos a sentimentos de vergonha e tais memórias são consideradas como vantajosas para o indivíduo, na medida que tornam a visão do *self* e do outro mais positiva (Gross & Hansen, 2000; Tangney & Dearing, 2002).

Quanto ao papel preditor das memórias de vergonha nos traços psicopáticos, os resultados mostram que a centralidade das memórias de vergonha não predizem diretamente os traços psicopáticos. Contudo, estas experiências precoces parecem, apenas, predizer indiretamente, através da vergonha e dos estilos de *coping* com a vergonha, os traços psicopáticos. Estes resultados estão de acordo com investigação anteriormente realizada que propõe que estas experiências são centrais na vida de um indivíduo e que representam um fator de risco no desenvolvimento de traços psicopáticos (Farrington et al., 2010; Fite et al., 2008; Lahlan et al., 2013; Marshall & Cooke, 1999; McCord & McCord, 1964).

Os sentimentos atuais de vergonha predizem direta e indiretamente (i.e., através dos estilos de *coping* com a vergonha) os traços psicopáticos. De acordo com o que vem sendo proposto na literatura, a vergonha associa-se ao desenvolvimento de quadros psicopatológicos, e neste caso à psicopatia. No entanto, a explicação para tal facto pode estar na forma como cada indivíduo lida com a vergonha e não apenas na emoção em si (Campbell & Elison, 2005; Elison et al., 2006). Por outro lado, uma possível explicação para as ligações diretas entre os níveis de vergonha atualmente sentidos e os traços psicopáticos, sem a mediação das estratégias de coping, pode estar relacionada com o facto de os adolescentes poderem ter mais consciência da emoção/experiência de vergonha do que das estratégias que utilizam para lidar com ela.

Comparando o mesmo modelo nos dois géneros, no que diz respeito à amostra do género masculino, os níveis atuais de vergonha são preditores diretos dos traços de Impulsividade/Irresponsabilidade. Segundo alguns estudos, a adoção de comportamentos de Impulsividade/Irresponsabilidade por parte dos indivíduos é visto como uma forma de lidar com os sentimentos de vergonha (Bennett et al., 2009; Gold et al., 2011; Lewis, 1992).

Analisando mais cuidadosamente o papel dos estilos de *coping* com a vergonha nos traços psicopáticos, os resultados mostraram que traços de Grandiosidade/Manipulação são preditos por estratégias de *coping* de Ataque ao Outro, Evitamento, Ataque ao *Self* e Fuga. Estes resultados parecem indicar que os indivíduos com traços de Grandiosidade/Manipulação tendem a utilizar estratégias externalizantes, especialmente de Ataque ao Outro e de Evitamento (Nyström & Mikkelsen, 2012). Segundo pesquisas anteriores, estes comportamentos adotados pelos indivíduos surgem no intuito de afastarem de si sentimentos de vergonha e de a esconderem dos outros, apresentando uma imagem de superioridade e de alguém com posição de dominância (Campbell & Elison, 2005). Estes resultados são comuns, em todas as análises realizadas, tanto na amostra em geral como nas amostras de ambos os gêneros, o que é concordante com o que vem reportado na literatura quanto às diferenças de gênero. Os indivíduos do sexo masculino que tendem a evidenciar características psicopáticas normalmente demonstram comportamentos externalizantes, utilizando estratégias de Ataque ao Outro como forma de lidar com a vergonha, e as mulheres com níveis idênticos de traços psicopáticos, utilizam preferencialmente estratégias de Evitamento (Nyström & Mikkelsen, 2012).

Relativamente aos traços de Frieza emocional, estes são preditos, como os traços anteriores de Grandiosidade/Manipulação, por estratégias de *coping* externalizantes, como o Ataque ao outro e Evitamento. Em linha com a literatura, estes resultados evidenciam que indivíduos com níveis mais elevados de Frieza emocional encontram nas estratégias externalizantes de lidar com a vergonha, uma forma de esconder a vergonha de si próprio mas também dos outros (Campbell & Elison, 2005).

No que diz respeito aos traços de Impulsividade/Irresponsabilidade, o presente estudo indica, para a análise da amostra completa, que os estilos de *coping* de Ataque ao outro, Evitamento e Fuga são preditores dos traços de Impulsividade/Irresponsabilidade. Ainda na análise dos gêneros, verificou-se que nas raparigas apenas as estratégias de Ataque ao outro e Evitamento são preditores de traços de Impulsividade/Irresponsabilidade, enquanto que nos rapazes são as estratégias de Evitamento e Fuga que se associam a estes traços da personalidade psicopática. Estudos anteriores

evidenciam que indivíduos com traços de Impulsividade/Irresponsabilidade optam por estratégias externalizantes e internalizantes para lidar com os sentimentos de vergonha, pois vêem-se como inferiores perante os outros (Campbell & Elison, 2005).

Em conclusão, de um modo geral os resultados corroboram a ideia de que as experiências precoces de vergonha e de calor e afeto têm um importante papel na predição de sentimentos de vergonha atuais. Também as estratégias de *coping* com a vergonha parecem ter um importante papel na mediação entre os sentimentos atuais de vergonha e o desenvolvimento de traços psicopáticos. Assim, estes resultados mostram que indivíduos com traços psicopáticos são caracterizados pelo recurso preferencial a determinadas estratégias de *coping* com a vergonha, sendo que os indivíduos optam maioritariamente por estratégias externalizantes para lidar com esta emoção (Nyström & Mikkelsen, 2012).

V – Limitações e Estudos Futuros

Existem algumas limitações a ter em consideração quando interpretamos os resultados encontrados e anteriormente discutidos. Algumas destas limitações podem servir de ponto de partida para a realização de futuras investigações, tendo em conta o modelo aqui desenvolvido. Serão essas limitações que serão apresentadas neste ponto, com o objetivo de chamar a atenção para questões da investigação com relevância para estudos futuros.

A primeira limitação encontra-se associada às medidas utilizadas para avaliar as variáveis em estudo, todas com base em questionários de autorresposta, o que pode levantar questões de fiabilidade e validade, uma vez que muitas respostas podem depender de aspetos subjetivos. É também de realçar que, pelo facto de algumas das questões avaliarem situações específicas da memória, podem comprometer a resposta do sujeito bem como conduzir a que respondam de forma não totalmente verdadeira. Assim, é importante que em estudos futuros sejam incluídas outras formas de avaliação e se proceda, por exemplo, ao contacto com terceiros para obter

Experiências precoces e coping com a vergonha no desenvolvimento de traços psicopáticos em adolescentes: diferenças de género.

Inês Alexandra Rodrigues Bastos (e-mail: inesbastos91@hotmail.com) 2015

informações de outras fontes que não unicamente o próprio

Outra limitação está relacionada com a amostra. Para este estudo a amostra foi recolhida numa comunidade escolar de adolescentes, com baixos traços psicopáticos e sem nenhum contacto com o sistema de justiça juvenil, o que revelou baixos níveis de comportamento antissocial. Neste sentido, seria interessante que futuramente os estudos se realizassem em amostras forenses, com o intuito de explorar e comparar ambas as amostras relativamente às diferenças sobre os traços psicopáticos, mas também sobre os níveis de vergonha experienciados e os estilos de *coping* utilizados preferencialmente e associados ao endosso de traços psicopáticos.

Uma terceira limitação tem a ver com a natureza transversal do estudo, que não nos permite fazer afirmações sobre a estabilidade destes traços nos indivíduos. Desta forma, um estudo longitudinal seria pertinente no sentido de explorar o quanto estes traços podem ser preditores de comportamentos antissociais mais tarde. E, ainda um método longitudinal seria vantajoso na medida em que permitiria explorar o papel das experiências precoces (memórias de vergonha e experiências de calor e afeto) no desenvolvimento dos níveis atuais de vergonha, das estratégias de *coping* com esta emoção e dos traços psicopáticos.

Apesar de todas estas limitações, os resultados revelaram-se importantes no sentido em que demonstram a relação da vergonha e das estratégias de *coping* com esta emoção no desenvolvimento e manutenção dos traços psicopáticos na adolescência, quer em rapazes quer nas raparigas. Assim, tanto a vergonha como o *coping* com a vergonha devem ser encarados como componentes-chave na avaliação e intervenção psicoterapêuticas, ajudando os adolescentes a desenvolverem sentimentos de valor e de segurança pessoais e sociais, bem como estratégias adaptativas para lidarem com as suas emoções, procurando promover um melhor ajustamento ao longo da vida e prevenindo o desenvolvimento de traços psicopáticos.

Bibliografia

- Andershed, H., Hodgins, S., & Tengström, A. (2007). Convergent validity of the Youth Psychopathic Trait Inventory (YPI): Association with the Psychopathy Checklist: Youth Version (PCL:YV). *Assessment, 14*, 144-154. doi: 10.1177/1073191106298286.
- Andershed, H., Kerr, M., Stattin, H., & Levander, S. (2002). Psychopathic traits in non-referred youths: A new assessment tool. In E. Blaauw, & L. Sheridan (Eds.), *Psychopaths: Current international perspectives* (pp. 131-158). Den Haag: Elsevier.
- American Psychiatric Association. (2002). Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais (DSM-IV-TR) (4th ed. revista). Lisboa: Climepsi Editores.
- American Psychiatric Association. (2013). Diagnostic and statistical manual of the mental disorders (DSM-V) (5th ed.). Washington. DC: American Psychiatric Association.
- Bennett, D., Sullivan, M., & Lewis, M. (2005). Young children's adjustment as a function of maltreatment, shame, and anger. *Child Maltreatment, 10*(4), 311-323. doi:10.1177/1077559505278619.
- Berntsen, D., & Rubin, D.C. (2006). Centrality of Event Scale: A measure of integrating a trauma into one's identity and its relation to post-traumatic stress disorder symptoms. *Behaviour Research and Therapy, 44*, 219–231. doi: 10.1016/j.brat.2005.01.009.
- Buss, A.H. (1966). *Psychopathology*. New York:Wiley.
- Byrne, B. M. (2010). Structural equation modelling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming. (2nd ed.) New York: Routledge Academic.
- Cale, E. M., & Lilienfeld, S. O. (2006). Psychopathic factors and risk for aggressive behavior: A test of the “Threatened Egotism” hypothesis. *Law and Human Behavior, 30*, 51-74. doi: 10.1007/s10979-006-9004-5.
- Campbell, J. S., & Ellison, J. (2005). Shame Coping Styles and Psychopathic Personality Traits. *Journal of Personality Assessment, 84*(1), 96-104. doi: 10.1207/s15327752jpa8401_16.
- Cleckley, H. (1988). *The mask of sanity: An attempt to clarify some issues about the so-called psychopathic personality* (6th ed.). St. MO: Experiências precoces e coping com a vergonha no desenvolvimento de traços psicopáticos em adolescentes: diferenças de género. Inês Alexandra Rodrigues Bastos (e-mail: inesbastos91@hotmail.com) 2015

- Mosby (original work published in 1941).
- Cooke, D.J., & Michie, C. (2001). Refining the construct of psychopathy: Towards a hierarchical model. *Psychological Assessment, 13*, 171-188. doi:10.1037//1040-3590.13.2.171.
- Craft, M.J. (1965). *Ten studies into psychopathic personality*. Bristol, UK: John Wright.
- Cunha, M., Xavier, A., Martinho, M.I., & Matos, M. (2013). Measuring positive emotional memories in adolescents: Psychometric properties and confirmatory factor analysis of the Early Memories of Warmth and Safeness Scale. Manuscript submitted for publication history of eating disorders. *European Eating Disorders Review, 16*, 480–488.
- Dadds, M., Fraser, J., Frost, A., & Hawes, D. (2005). Disentangling the underlying dimensions of psychopathy and conduct problems in childhood: a community study. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 73*(3), 400-410. doi:10.1037/0022-006X.73.3.400.
- Elison, J., Garofalo, C., Velotti (2014). Shame and aggression: Theoretical considerations. *Aggression and Violent Behavior, 818*.
- Elison, J., Pulos, S., & Lennon, R. (2006). Investigating the compass of shame: the development of the compass of shame scale. *Social Behavior and Personality, 34*(3), 221-238. doi: 10.2224/sbp.2006.34.3.221.
- Farrington, D.P. (2005). The Importance of Child and Adolescent Psychopathy. *Journal of Abnormal Child Psychology, 33*(4), 489–497. doi: 10.1007/s10802-005-5729-8.
- Farrington, D.P., Ullrich, S., & Salekin, R. (2010). Environmental Influences on Child and Adolescents Psychopathy. In Salekin, R., & Lynam, D. (Eds.), *Handbook of Child & Adolescent Psychopathy*, (pp.389-414). The Guilford Press: New York.
- Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS: (and sex, drugs and rock 'n' roll)* (3^a ed.). Los Angeles: Sage Publications.
- Fite, P., Greening, M., & Stoppelbein, L. (2008). Relation between parenting stress and psychopathic traits among children. *Behavioral Sciences and the Law, 26*, 239-248. doi:10.1002/bsl.803.
- Fonseca, L., da Motta, C., Ribeiro da Silva, D., Brazão, N., & Rijo, D.

- (2013). A bússola da vergonha: dimensionalidade e características psicométricas da escala de *coping* com a vergonha em adolescentes. Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Fontaine, N., McCrory, E., Boivin, M., Moffit, T., & Viding, E. (2011). Predictors and outcomes joint trajectories of callous-unemotional traits and conduct problems in childhood. *Journal of Abnormal Psychology, 120*(3), 730-742. doi:10.1037/a0022620.
- Frick, P. J., Bodin, S. D., & Barry, C. T. (2000). Psychopathic traits and conduct problems in community and clinic-referred samples of children: Further development of the Psychopathy Screening Device. *Psychological Assessment, 12*, 382–393. doi:10.1037//1040-3590.12.4.382.
- Frick, P.J., Morris, A.S. (2004). Temperament and developmental pathways to conduct problems. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 33*, 54-68. doi: 10.1207/S15374424JCCP3301_6.
- Gao, Y., Raine, A., Chan, F., Venables, P.H., & Mednick, S.A. (2010). Early maternal and paternal bonding, childhood physical abuse and adult psychopathic personality. *Psychological Medicine, 40*, 1007-1016. doi:10.1017/S0033291709991279.
- Gilbert, P. (1998). What is shame? Some core issues and controversies. In P. Gilbert, & B. Andrews (Eds.), *Shame: Interpersonal behaviour, psychopathology and culture* (pp.3–36). New York: Oxford University Press.
- Gilbert, P. (2002). Body shame: A biopsychosocial conceptualization and overview, with treatment implications. In P. Gilbert, & J. Miles (Eds.), *Body shame: Conceptualisation, research and treatment* (pp. 3–54). London: Brunner.
- Gilbert, P. (2010). Shame. In P. Gilbert (Eds), *Compassion Focused Therapy* (pp.83-92).London: Routledge.
- Gilbert, P., Allan, S., & Goss, K. (1996). Parental Representations, shame, interpersonal problems, and vulnerability to psychopathology. *Clinical Psychotherapy, 3*(1), 23-34. Retrieved from <https://webvpn.uc.pt/http/0/ehis.ebscohost.com/ehost/detail?sid=44efd71499f743818f2c094b8ddca154%40sessionmgr114&vid=1&hid=1>

- 16&bdata=JNpdGU9ZWhvc3QtbG12ZSZzY29wZT1zaXRl
- Gold, J., Sullivan, M., & Lewis, M. (2011). The relation between abuse and violent delinquency: the conversion of shame to blame in juvenile offenders. *Child Abuse, & Neglect*, 35, 459-467. doi:10.1016/j.chiabu.2011.02.007.
- Goss, K., Gilbert, P., & Allan, S. (1994). An exploration of shame measures I. The "Other as Shamer Scale". *Personality and Individual Differences*, 17, 713-717. doi: 10.1016/0191-8869(94)90149-X.
- Gretton, H. M., Hare, R. D., & Catchpole, R. E. H. (2004). Psychopathy and offending from adolescence to adulthood: A 10-year follow-up. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 72, 636-645. doi: 10.1037/0022-006X.72.4.636.
- Gross, C.A., Hansen, N.E. (2000). Clarifying the experience of shame: the role of attachment style, gender, and investment in relatedness. *Personality and Individual Differences*, 28, 897-907. doi: 10.1016/S0191-8869(99)00148-8.
- Hair, J. F. Jr., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2009). *Multivariate data analyses* (7th ed.). Upper Saddle River: PrenticeHall.
- Hare, R. D. (1991). *The Hare Psychopathy Checklist-Revised manual*. Toronto, Ontario, Canada: Multi-Health Systems.
- Hare, R. D. (2003). *The Hare Psychopathy Checklist-Revised manual* (2nd Edition). Toronto, Ontario, Canada: Multi-Health Systems.
- Harper, F., & Arias, I. (2004). The Role of Shame in Predicting Adult Anger and Depressive Symptoms Among Victims of Child Psychological Maltreatment. *Journal of Family Violence*, 19, 367-375. doi:10.1007/s10896-004-0681-x.
- Hoglund, C., & Nicholas, K. (1995). Shame, Guilt, and Anger in college Students Exposed to Abusive Family Environments. *Journal of Family Violence*, 10, 141-157. doi:10.1007/BF02110597.
- Holmqvist, R. (2008). Psychopathy and affect consciousness in young criminal offenders. *Journal of Interpersonal Violence*, 23, 209-224. doi:10.1177/0886260507309341.
- Hoyle, R. H., & Smith, G. H. (1994). Formulating clinical research hypotheses as structural equation models: A conceptual overview.

- Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 62, 429–440.
- Hu, L.-T., & Bentler, P. (1995). Evaluating model fit. In R. H. Hoyle (Ed.), *Structural Equation Modeling. Concepts, Issues, and Applications* (pp.76-99). London: Sage.
- Irons, C., & Gilbert, P. (2005). Evolved mechanisms in adolescent anxiety and depression symptoms: the role of attachment and social rank systems. *Journal of Adolescence*, 28, 325–341. doi: 10.1016/j.adolescence.2004.07.004.
- Johnstone, L., & Cooke, D.J. (2007). Psychopathy and young offenders. *Psychiatry*, 6(10), 429-432. doi:10.1016/j.mppsy.2007.07.008.
- Kaufman, G. (1989). *The Psychology of Shame*. New York: Springer Publishing.
- Kemp, R., Overbeek, G., Wied, M., Engels, R., & Scholte, R. (2007). Early adolescent empathy, parental support, and antisocial behavior. *The Journal of Genetic Psychology*, 168(1), 5-18. doi: 10.3200/GNTP.168.1.5-18.
- Kim, J., Talbot, N., & Cicchetti, D. (2009). Childhood abuse and current interpersonal conflict: the role of shame. *Child Abuse, & Neglect*, 33, 362-371. doi:10.1016/j.chiabu.2008.10.003.
- Kline, R.B. (2005). *Principles and Practice of Structural Equation Modeling* (2nd Edition ed.). New York: The Guilford Press.
- Kotler, J.S., & McMahon, R.J. (2005). Child psychopathy: theories, measurement, and relations with the development and persistence of conduct problems. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 8, 291-325. doi: 10.1007/s10567-005-8810-5.
- Kraepelin, É. (1915). *Psychiatrie: Einlehbuch* (7th & 8th eds.). Leipzig: Barth.
- Lahlah, E., Lens, K., Bogaerts, S., & Knaap, L. (in press). When love hurts: Assessing the intersectionality of ethnicity, socio-economic status, parental connectedness, child abuse, and gender attitudes in juvenile violent delinquency. *Child Abuse, & Neglect*. doi:10.1016/j.chiabu.2013.07.001.
- Lang, S., Klinteberg, B., & Alm, P-O. (2002). Adult psychopathy and violent behavior in males with early neglect and abuse. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 106, 93-110. doi: 10.1034/j.1600-0447.106.s412.20.x.

- Lewis, H.B. (1971). *Shame and guilt in neurosis*. New York: International Universities Press.
- Lewis, M. (1992). *Shame: the exposed self*. New York: The Free Press.
- Lynam, D.R. (1998). Early identification of the fledgling psychopath: Locating the psychopathic child in the current nomenclature. *Journal of Abnormal Psychology, 107*, 566-575. doi:10.1037/0021-843X.107.4.566.
- Marôco, J. (2010). *Análise de Equações Estruturais: Fundamentos teóricos, Software e Aplicações*. ReportNumber Lda. Pero Pinheiro.
- Marshall, L. A., & Cooke, D. J. (1999). The childhood experiences of psychopaths: A retrospective study of familial and social factors. *Journal of Personality Disorders, 13*, 211–225. doi:10.1521/pedi.1999.13.3.211.
- Matos, M., & Pinto-Gouveia, J. (2010). Shame as a traumatic memory. *Clinical Psychology and Psychotherapy, 17*, 299-312. doi:10.1002/cpp.659.
- Matos, M., Pinto-Gouveia, J., & Gomes, P. (2010). A centralidade das experiências de vergonha: Estudo de validação da versão portuguesa da Escala da Centralidade do Acontecimento (CES). *Psicologia, XXIV*(1), 73–95.
- McCord, W., & McCord, J. (1964). *The psychopath: An essay on the criminal mind*. Princeton, NJ: van Nostrand.
- Morrison, D., & Gilbert, P. (2001). Social rank, shame and anger in primary and secondary psychopaths. *The Journal of Forensic Psychiatry, 12*(2), 330-356. doi:10.1080/09585180110056867.
- Muthén, L. K. & Muthén, B. O. (1998-2010). *Mplus User's Guide* (6th ed.). Los Angeles, CA: Muthén & Muthén
- Nathanson, D.L. (1994). *Shame and pride: Affect, sex, and the bird of the self*. New York: Norton.
- Nyström, M., & Mikkelsen, F. (2012). Psychopathy-Related Personality Traits and Shame Management Strategies in Adolescents. *Journal of Interpersonal Violence, 20*(10), 1-19. doi:10.1177/0886260512455512.
- Pilati, R., Laros, J., A. (2007). Modelos de Equações Estruturais em Psicologia: Conceitos e Aplicações. *Psicologia: Teoria e*

Pesquisa, 23(2), 205-216.

- Pinto-Gouveia, J., & Matos, M. (2011). Can shame Memories Become a Key to Identity? The Centrality of Shame Memories Predicts Psychopathology. *Applied Cognitive Psychology*, 25, 281-290. doi:10.1002/acp.1689.
- Publication Manual of the American Psychological Association, 6th ed. Washington, DC: American Psychological Association, 2010.
- Ribeiro da Silva, D., da Motta, C., & Rijo, D. (2015). Inventário de traços psicopáticos em adolescentes. Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra
- Ribeiro da Silva, D., Rijo, D., & Salekin, R. (2012). Child and adolescent psychopathy: a state-of-the-art reflection on the construct and etiological theories. *Journal of Criminal Justice*, 40, 269-277. doi:10.1016/j.jcrimjus.2012.05.005.
- Ribeiro da Silva, D., Rijo, D., & Salekin, R. T. (2013). Child and adolescent psychopathy: Assessment issues and treatment needs. *Aggression and Violent Behavior*, 18, 71-78.
- Richter, A., Gilbert, P., & McEwan, K. (2009). Development of an early memories of warmth and safeness scale and its relationship to psychopathology. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 82, 171-184. doi: 10.1348/147608308X395213.
- Salekin, R.T. (2006). Psychopathy in children and adolescents: key issues in conceptualization and assessment. In Patrick, C. (Eds.), *Handbook of Psychopathy* (pp.389-414). The Guilford Press: New York.
- Salekin, R. T., & Frick, P. J. (2005). Psychopathy in children and adolescents: The need for a developmental perspective. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 33, 403-409.
- Salekin, R., Rogers, R., & Machin, D. (2001). Psychopathy in youth: pursuing diagnostic clarity. *Journal of Youth and Adolescence*, 30(2), 173-195. doi: 10.1023/A:1010393708227.
- Schneider, K. (1958). *Psychopathic personalities* (9th ed., translation M. Hamilton). London, England: Cassel (original work published 1950).
- Schreiber, J. B., Nora, A., Stage, F. K., Barlow, E. A., & King, J. (2006). Reporting structural equation modeling and confirmatory factor
- Experiências precoces e coping com a vergonha no desenvolvimento de traços psicopáticos em adolescentes: diferenças de género.
Inês Alexandra Rodrigues Bastos (e-mail: inesbastos91@hotmail.com) 2015

- analysis results: A review. *Journal of Educational Research*, 99, 323-337. doi:10.3200/JOER.99.6.323-338.
- Shiner, R. (2009). The development of personality disorders: perspectives from normal personality development in childhood and adolescence. *Development and Psychopathology*, 21, 715-734. doi:10.1017/S0954579409000406.
- Shneider, K. (1923/1955). *Les personnalités psychopathiques*. Paris: Press Universitaires de France.
- Simões, M., Gonçalves, R. A., & Lopes, J. (2010). Adaptação do “Youth Psychopathic Traits Inventory (YPI): Estudo Preliminar. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*.
- Stuewig, J., & McCloskey, L. (2005). The Relation of Child Maltreatment to Shame and Guilt Among Adolescents: Psychological Routes to Depression and Delinquency. *Child Maltreatment*, 10, 324-336. doi:10.1177/1077559505279308.
- Tangney, J. P., & Dearing, R. (2002). *Shame and guilt*. New York: Guilford.
- Tangney, J., Wagner, P., Fletcher, C., & Gramzow, R. (1992). Shamed into anger: The relation of shame and guilt to anger and self-reported aggression. *Journal of Personal. Social Psychologie*, 62(4), 669-675. doi: 10.1037/0022-3514.62.4.669.
- Vaughn, M., Newhill, C., DeLisi, M., Beaver, K., & Howard, M. (2008). An investigation of psychopathic features among delinquent girls. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 6, 240-255. doi: 10.1177/1541204007312298.